

As línguas, a língua e os linguistas: o estudo da diversidade das línguas em Saussure e Benveniste / *Languages, Language, and Linguists: The Study of the Diversity of Languages According to Saussure and Benveniste*

Sara Luiza Hoff*
Gabriela Barboza**

RESUMO

Neste artigo, objetivamos abordar aspectos ligados ao tratamento das línguas na elaboração teórica de dois linguistas: Ferdinand de Saussure e Émile Benveniste. Para isso, examinamos obras selecionadas dos autores, buscando, a partir de evidências, discutir o papel que eles concedem às línguas em suas teorizações. As análises permitem apontar para o protagonismo da diversidade das línguas como um dos pontos de encontro entre os dois linguistas, ainda que existam diferenças no modo de abordagem de cada um deles.

PALAVRAS-CHAVE: Ferdinand de Saussure; Émile Benveniste; Línguas; Língua

ABSTRACT

With this article, we aim to address aspects related to the treatment of languages in the theoretical postulations of two linguists: Ferdinand de Saussure and Émile Benveniste. To do so, we examine selected works by these authors, seeking to discuss—based on evidence—the role they grant to languages in their formulations. The analyses allow us to demonstrate the protagonism of the diversity of languages as one of the points where the two linguists meet, even though there are differences in their approaches.

KEYWORDS: Ferdinand de Saussure; Émile Benveniste; Languages; Language

* Pesquisadora Autônoma, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil; <https://orcid.org/0000-0001-7216-2576>; saraluizahoff@gmail.com

** Universidade Federal do Rio Grande – FURG, Instituto de Letras e Artes, Programa de Pós-Graduação em Letras, Campus Carreiros, Rio Grande, Rio Grande do Sul, Brasil; <https://orcid.org/0000-0001-6492-2926>; barboza.gabrielab@gmail.com

Introdução

No artigo “Da diversidade das línguas à língua: Notas de leitura do *Curso de linguística geral*”, Magali Lopes Endruweit e Valdir do Nascimento Flores se dedicam a analisar o valor teórico da discussão sobre a diversidade das línguas para a reflexão de Ferdinand de Saussure, tomando como *corpus* de pesquisa exclusivamente as proposições presentes no *Curso de linguística geral* (CLG)¹.

Para fazer isso, os autores identificam três instâncias em que “Saussure recorre à diversidade das línguas [...] para apresentar seu ponto de vista sobre a língua” (Endruweit e Flores, 2015, p. 103; *itálico dos autores*): i) os limites da metalinguagem, evidenciados pela dificuldade terminológica originada pelos termos “língua”, “fala” e “linguagem” (presente no capítulo do CLG dedicado ao Objeto da Linguística); ii) a arbitrariedade do signo linguístico, comprovada, por Saussure, por meio de exemplos, em línguas distintas, de significantes diferentes para um mesmo significado, especificamente *b-ö-f* e *o-k-s* para nomear o “boi” na França e na Alemanha², o que comprova que “cada língua recorta o cognoscível de uma maneira distinta” (Endruweit e Flores, 2015, p. 107); e iii) a tese do valor, mecanismo exemplificado pelas diferenças do valor de uma “mesma” expressão (*mouton* e *sheep*; *louer*, alugar, *mieten* e *vermieten* etc.) em línguas distintas. Por meio desses exemplos, os autores demonstram que a irredutibilidade entre as línguas é uma característica primordial para Saussure, já que dela “depende o entendimento do que vem a ser a língua como objeto da linguística saussuriana” (Endruweit e Flores, 2015, p. 111).

Os pesquisadores apontam para o fato de que a proposta por eles apresentada é “uma análise inicial do material coletado” (Endruweit e Flores, 2015, p. 91). Nesse sentido, neste artigo, inspiramo-nos nos passos dados pelos autores e assumimos suas observações primordiais sobre a obra de Saussure como ponto inicial do percurso de nosso trabalho, que tem como objetivo abordar aspectos ligados à diversidade das línguas em Saussure, onde nos aproximamos de Endruweit e Flores (2015), e em Émile

¹ Resumidamente, os autores justificam a tomada do CLG como *corpus* exclusivo de seu trabalho por dois motivos: i) é necessária a retomada da leitura do CLG nos cursos de graduação; ii) “o CLG ocupa, simbolicamente, uma posição singular na história das ideias linguísticas além de ser uma fonte importante do pensamento saussuriano no mundo acadêmico” (Endruweit e Flores, 2015, p. 93).

² Não nos escapa o fato de que o exemplo *b-ö-f/o-k-s* “boi” deu origem a inúmeros — e polêmicos — debates, sendo, inclusive, questionado por Émile Benveniste (1995, p. 53-59) no artigo Natureza do signo linguístico; no entanto, não adentraremos na questão, que foge ao escopo deste artigo. Para uma excelente exposição da discussão, ver Flores (2017).

Benveniste, onde nos diferenciamos da pesquisa que inspirou esta publicação. Para além de discursos maniqueístas de filiação e/ou de rompimento entre Benveniste e Saussure, consideramos, com Normand (2009), que ambos os linguistas se encontram em múltiplos aspectos: neste trabalho, buscaremos abordar aquele que trata da consideração das línguas em sua elaboração linguística. Apesar da aparente trivialidade de abordar a consideração das línguas a partir de ambos — em teoria, é evidente que todo linguista se interessa por línguas —, julgamos que esse tipo de estudo não tenha sido devidamente explorado, tanto no que diz respeito às elaborações de cada autor, mas principalmente no que toca às aproximações que podem advir de sua relação. É o que procuramos realizar, ainda que inicialmente, nas páginas deste trabalho.

O percurso estabelecido para abordar, neste artigo, a aproximação entre Saussure e Benveniste pelo ângulo das línguas está organizado em três partes. Na primeira seção, intitulada “O que nos é dado são as línguas’: Saussure e a diversidade das línguas”, partimos dos apontamentos de Endruweit e Flores (2015) e aprofundamos suas observações sobre a diversidade das línguas em Saussure com base em textos selecionados. Na seção seguinte — “Benveniste, um linguista das línguas” —, traçamos considerações a partir do mesmo ponto de vista — o valor teórico e metodológico da diversidade das línguas³ — examinando a obra de outro linguista, Émile Benveniste. Por fim, na terceira e última seção do artigo — “Saussure, Benveniste e as línguas: encontros e desencontros” —, guiadas pela proposta de falar sobre a relação entre Saussure e Benveniste em termos de encontros (Normand, 2009), identificamos, na diversidade das línguas, pontos de interseção em muitos aspectos, ao mesmo tempo em que apontamos posturas em que os linguistas se distanciam em seus construtos.

1 “O que nos é dado são as línguas”: Saussure e a diversidade das línguas

Não há quem discorde da afirmação de que Saussure foi um linguista que se dedicou a múltiplas línguas: de família francesa, o linguista suíço defende, na Alemanha,

³ “Diversidade das línguas” é entendido, neste artigo, nos termos estabelecidos por Saussure (1995, p. 223) no *CLG*: “ao lado da diversidade no parentesco, existe uma diversidade absoluta, sem parentesco reconhecível ou demonstrável. [...] Existe, como acabamos de dizer, uma infinidade de línguas e de famílias de línguas irreduzíveis umas às outras”. Assim, parte-se do princípio de que, no mundo, são e foram faladas uma multiplicidade de línguas, diferentes entre si em menor ou maior grau.

sua tese sobre o genitivo absoluto em sânscrito; fruto de seu tempo e do fazer de sua época, dedica-se, ao longo de sua vida profissional, à pesquisa e ao ensino de línguas indo-europeias como grego, latim, alto alemão, sânscrito, lituano e outras (Arrivé, 2010). Igualmente inquestionável é a relação estreita entre sua formação acadêmica — sustentada principalmente nas pesquisas de gramática comparada de línguas indo-europeias do século XIX — e as elaborações que, conforme Eliane Silveira (2007, p. 47), “lhe renderam o título de fundador da linguística”. Nenhuma dessas afirmações, porém, é suficiente para estabelecer em que medida o estudo das línguas pode contribuir para a construção de sua linguística geral. É preciso, portanto, observar como Saussure estabeleceu essa relação ao longo de suas teorizações.

Para dar início à discussão em torno do valor da diversidade das línguas na construção teórica de Saussure, costuma-se, de modo geral, partir do local em que a temática está mais evidente no *CLG*: trata-se da parte do livro intitulada “Linguística Geográfica”. Organizada em quatro capítulos (“Da diversidade das línguas”, “Complicações da diversidade geográfica”, “Causas da diversidade geográfica” e “Propagação das ondas linguísticas”).

Ainda que a discussão em torno da autoria do *CLG* não seja relevante para o debate que ora propomos, cabe esclarecer ao leitor uma questão específica a respeito da posição em que se encontram esses capítulos. A localização dos textos dedicados à diversidade das línguas não coincide nem com a quantidade nem com a ordem atribuída por Saussure em seus cursos na Universidade de Genebra⁴ — como se sabe, a organização foi estabelecida por seus colegas Charles Bally e Albert Sechehaye com base principalmente nas aulas do terceiro e último curso. Tullio de Mauro afirma, em sua versão anotada e comentada do *CLG*, que, se se considerasse o percurso feito pelo linguista ao longo dos cursos, as páginas que se dedicam às línguas deveriam ser as primeiras, tendo em vista que Saussure estabeleceu um raciocínio que partia da pluralidade das formas linguísticas para chegar à generalização sobre as línguas. Assim, “o leitor e o estudante seriam levados a ter consciência de uma dimensão geral dos fenômenos linguísticos, e o discurso passaria

⁴ Referimo-nos, aqui, aos três cursos de linguística geral ministrados por Saussure, na Universidade de Genebra, entre 1906 e 1911. É principalmente a partir das notas desses cursos que se produziu a obra *Curso de linguística geral*.

das ‘línguas’ para a ‘língua’”⁵ (De Mauro, 2005, p. 474). No mesmo sentido, Endruweit e Flores (2015, p. 100) consideram que enquanto o genebrino segue “uma direção que vai da conscientização da natureza contingencial e historicamente acidental da organização das línguas à análise de aspectos universalizantes, comuns a todas as línguas”, o livro que resulta dos cursos, “devido à organização editorial que recebeu, subverte essa ordem: ele parte da noção universalizante e chega à contingência das línguas”. Isso tem algumas consequências na leitura da linguística geral de Saussure, como a falsa compreensão de que sua linguística parte do abstrato, da teorização, para só depois chegar ao concreto.

Em linhas gerais, a quarta parte do *CLG* está dedicada a tratar principalmente da diversidade desde uma perspectiva de tempo e de espaço — ligada ao que Saussure chama de linguística externa. Ele parte da seguinte constatação:

O que primeiro surpreende no estudo das línguas é sua diversidade, as diferenças linguísticas que se apresentam quando se passa de um país a outro, ou mesmo de um distrito a outro. Conquanto as divergências no tempo escapem ao observador, as divergências no espaço saltam imediatamente aos olhos [...]. É exatamente por via dessas comparações que um povo toma consciência de seu idioma (Saussure, 1995, p. 221).

Em seguida, Saussure afirma que “a diversidade geográfica foi a primeira comprovação feita em Linguística; ela determinou a forma inicial da pesquisa científica em matéria de língua” (Saussure, 1995, p. 222). Como consequência da constatação da diferença constitutiva entre as línguas, segundo o linguista, “somos instintivamente levados a descobrir analogias entre eles. Trata-se de uma tendência natural dos falantes. Os camponeses gostam de comparar seu patuá com o da vila vizinha; as pessoas que falam várias línguas observam os traços que têm em comum” (Saussure, 1995, p. 222). A partir do tratamento científico de tais analogias, estabelecem-se vínculos entre línguas consideradas aparentadas, ou seja, busca-se reconstruir uma origem comum a elas. Trata-se, neste caso, do método de comparação de línguas em diferentes níveis (fonético, morfológico, semântico, sintático etc.). Além do reconhecimento do saber do falante em relação à diversidade das línguas, há, no capítulo, a diferenciação entre diversidade linguística no parentesco (línguas de mesma família) e diversidade absoluta (línguas de

⁵ No original: “le lecteur et l’étudiant auraient ensuite été conduits à prendre conscience d’une dimension générale des phénomènes linguistiques, et le discours serait passé des ‘langues’ à la ‘langue’”.

famílias distantes e não relacionadas entre si). Em ambos os casos, ainda que com diferentes objetivos, os métodos da gramática comparada parecem ser satisfatórios.

No capítulo “Complicações da diversidade geográfica”, são abordadas as complexidades linguísticas geradas pela diversidade geográfica, em que não se realiza o “ideal” da diversidade: uma língua para uma nação e um território. Para isso, Saussure evoca as inúmeras situações de diglossia e multilinguismo, como os contatos entre línguas, os fatores institucionais e políticos intervenientes, a relação entre a língua literária⁶ e os dialetos que não são considerados padrão. Também trata das consequências linguísticas do deslocamento das populações para outros espaços.

Saussure discute, no terceiro capítulo, as causas da diversidade geográfica das línguas e estabelece uma conexão mais clara entre tempo e espaço em uma massa linguística de origem comum, concebendo o tempo como a causa essencial da diversidade no espaço. O linguista avança na discussão e avalia que “a diversidade geográfica deve traduzir-se em diversidade temporal” (Saussure, 1995, p. 229). Para ele, a distância geográfica entre línguas antes próximas, por si só, não cria diferenças: “Assim como não se pode julgar um volume por uma superfície, mas somente com a ajuda de uma terceira dimensão, a profundidade, assim também o esquema da diferenciação geográfica não fica completa [sic] senão quando projetado no tempo” (Saussure, 1995, p. 229-230).

Por fim, o quarto e último capítulo da parte dedicada à linguística geográfica aborda a propagação das ondas linguísticas⁷, entendida como propagação dos fatos linguísticos, e as consequências de se questionar a existência da categoria de dialeto. Saussure introduz, no capítulo, os termos teóricos “espírito de campanário” e “força do intercuro”, a fim de descrever as forças opostas e complementares que agem em conjunto em uma comunidade linguística, seja para manter a estabilidade da língua (“espírito de campanário”), seja para agitá-la (“força do intercuro”). O linguista estabelece uma diferenciação entre duas formas de intercuro: a primeira trata de impedir “o retalhamento dialetal ao sufocar uma inovação no momento em que surge em algum ponto” (Saussure, 1995, p. 239); a segunda favorece a unidade da língua “ao aceitar e propagar tal inovação”

⁶ Não se trata necessariamente da língua da literatura: “Em sentido mais geral, trata-se de toda espécie de língua culta, oficial ou não, a serviço da comunidade inteira” (Saussure, 1995, p. 226).

⁷ A teoria da propagação das ondas foi introduzida pelo linguista alemão Johannes Schmidt (1843-1901), que, em sua obra *Die Verwandtschaftsverhältnisse der Indogermanischen Sprachen*, publicou os princípios de sua formulação observando as inovações linguísticas a partir da disseminação gradual e constante no espaço.

(Saussure, 1995, p. 239). A essa segunda forma de intercurso, denomina “onda linguística” — conceito que figura já no título do capítulo — para “designar os limites geográficos de um fato dialetal” (Saussure, 1995, p. 239). Com os desdobramentos de sua diferenciação entre intercurso e espírito de campanário, o linguista percebe que, quando se trata de um mesmo território, o espírito de campanário “não é mais que a força de intercurso própria de cada região” (Saussure, 1995, p. 241), motivo pelo qual avalia que ambas as forças podem ser reduzidas a um único princípio: a força de intercurso. No que diz respeito à diferenciação de fatos linguísticos em territórios separados, o interesse de Saussure (1995, p. 242) é “saber se a separação desempenha um papel na história das línguas e se produz outros efeitos que não os que apareçam na continuidade”. A solução está também na teoria das ondas, tendo em vista que ela “nos instrui acerca das leis primordiais de todos os fenômenos de diferenciação e das condições que regem o parentesco das línguas” (Saussure, 1995, p. 243).

Com base no teor dos quatro capítulos integrantes da seção “Linguística Geográfica” do *CLG*, é possível verificar certas recorrências e aproximações entre eles. Referimo-nos, aqui, à presença constante de dois elementos que se relacionam diretamente — as línguas e o falante —, mas também ao modo como Saussure conduz a discussão a respeito da variedade das línguas (que se traduz em variedade no espaço e no tempo): o linguista estabelece uma relação indispensável entre particulares/específicos e universais/teóricos.

No que concerne ao comparecimento das línguas, é possível, de imediato, constatar que elas se fazem presentes de modo massivo. Em uma breve contagem circunscrita aos capítulos da quarta parte do *CLG*, a título de ilustração, inventariamos aproximadamente 56 línguas diferentes, distribuídas em maior ou menor frequência conforme a necessidade temática. A maioria pertence à família indo-europeia, mas há ocorrências de línguas das famílias semítica, banto e uralo-altaicas. Ainda que o quantitativo de línguas presentes em tão poucas páginas impressione, esse dado, por si só, não nos informa muito a respeito da relevância das línguas no escopo das formulações teóricas de Saussure.

De modo geral, as línguas são acionadas por sua função explicativa e didatizante, o que permite que, a partir da empiria dos fatos linguísticos, seja possível elaborar princípios e fundamentos teóricos a respeito de seu objeto, a língua. É o que ocorre, por

exemplo, quando Saussure (1995, p. 224) se dedica a abordar uma das consequências da diversidade linguística: “a coexistência de várias línguas num mesmo território” sem que se confundam entre si. Para demonstrar a formulação, o linguista se vale de inúmeros casos em que isso ocorre; sem sermos exaustivas, evidenciamos apenas alguns exemplos.

Em todas as épocas, nações se mesclaram sem confundir seus idiomas. Para dar-se conta disso, basta lançar um olhar ao mapa da Europa atual; na Irlanda, fala-se o céltico e o inglês; muitos irlandeses possuem as duas línguas. Na Bretanha, emprega-se o bretão e o francês; na região basca, utilizam-se o francês ou o espanhol ao mesmo tempo que o basco. Na Finlândia, o sueco e o finês coexistem há muito tempo; o russo veio juntar-se a eles recentemente; na Curlândia e na Livônia falam-se o letão, o alemão e o russo; o alemão, importado por colonos chegados, na Idade Média, sob os auspícios da liga hanseática, pertence a uma classe especial da população; o russo foi a seguir importado por via da conquista (Saussure, 1995, p. 224-225).

Ao acompanhar o raciocínio de Saussure, verificamos que somente é possível falar da coexistência de várias línguas num mesmo ponto (construção teórica) a partir da constatação da ocorrência de diversos territórios em que há diglossia (observação empírica). Dito de outro modo, a formulação teórica ganha corpo e se estabelece porque encontra base empírica de sustentação através das línguas. Mais do que abordar a coexistência de várias línguas em um mesmo espaço, Saussure demonstra e comprova que isso ocorre em muitos territórios, a ponto de deduzir a generalidade do fenômeno ao afirmar que, na Antiguidade, “os países unilíngues constituíam a exceção” (Saussure, 1995, p. 225).

Outro momento em que Saussure explica como sua formulação se concretiza nas línguas pode ser verificado quando enfatiza a diversidade oriunda da ação do tempo em um território contínuo em que se fale a mesma língua. Ao colocar em perspectiva a preponderância do fator espaço no que diz respeito às mudanças, o linguista insere a necessidade da variável tempo e nos apresenta uma definição que condensa a relação entre particular e geral: “a *própria mudança*, abstração feita de sua direção especial e de suas manifestações particulares, numa palavra, a instabilidade da língua, depende somente do tempo” (Saussure, 1995, p. 230; itálico do autor). Duas proposições são feitas para tratar do caso em que uma população fixa fale uma língua em um dado território: i) mesmo nessas condições, “ao fim de um certo lapso de tempo a língua não será mais

idêntica a si mesma”; ii) “a evolução não será uniforme em toda a superfície do território, mas variará de acordo com os lugares” (Saussure, 1995, p. 230). O linguista demonstra o fenômeno com mudanças no latim em diferentes áreas do mesmo território: “*c* e *g* latinos antes de *a* se transformam em *tš*, *dž*, depois em *š*, *ž* (cf. *cantum* → *chant*, *virga* → *verge*), em todo o norte da França, exceto na Picardia e numa parte da Normandia, onde *c* e *g* permaneceram intactos” (Saussure, 1995, p. 232; itálicos do autor).

Já no que diz respeito à presença do falante nas teorizações saussurianas, ele é convocado quando se trata de referir-se à experiência que o falante ordinário tem com sua(s) própria(s) língua(s). É necessário estabelecer, antes de seguir, a que nos referimos quando tratamos do falante no âmbito desta discussão: não nos remetemos, aqui, ao falante como homem individual, mas ao representante de uma dada comunidade. É o próprio Saussure quem autoriza, em suas considerações a respeito da sincronia e diacronia e de sua relação com a fala, que o falante seja compreendido pelo viés da coletividade: para ele, nem todas as inovações da fala “têm o mesmo êxito e, enquanto permanecem individuais, não há por que levá-las em conta, pois o que estudamos é a língua; elas só entram em nosso campo de observação no momento em que a coletividade as acolhe” (Saussure, 1995, p. 115). Em outras palavras, a figura do falante, neste caso, desempenha uma função metonímica para se referir à massa social de falantes, ao grupo. Não há dúvidas de que a relação do homem com a língua é uma experiência, a um só tempo, social e individual; entretanto, o falante, nesta seção, é considerado mais ligado ao social do que ao individual. Em última análise, trata-se sobretudo do reconhecimento de Saussure de que não há línguas sem falantes tampouco falantes sem língua(s), sem que, com isso, se recorra a uma experiência unicamente individual. Essa caracterização do falante como coletivo se comprova ao observarmos outros usos que o linguista faz disso. Majoritariamente, o falante aparece pluralizado. Os exemplos são abundantes — acompanhemos três deles.

Ao tratar da tomada de consciência de sua própria língua por meio da comparação e da diferenciação de outras, Saussure (1995, p. 222; itálicos nossos) afirma que “somos instintivamente levados a descobrir analogias entre [as línguas]” e considera tal ação como “uma tendência natural *dos falantes*. *Os camponeses* gostam de comparar seu patuá com o da vila vizinha; *as pessoas* que falam várias línguas observam os traços que têm em comum”. Quando aborda a imposição da língua literária sobre os idiomas locais, o

linguista avalia que se trata de um fato absolutamente frequente e apresenta ao leitor uma exemplificação do que ocorreu em grego: “Os mesmos fatos ocorreram em todos os tempos, *nos povos* que chegaram a certo grau de civilização. *Os gregos* tiveram o seu *koiné*⁸, nascido do ático e do jônio, de par com o qual subsistiram os dialetos locais” (Saussure, 1995, p. 226; itálicos nossos).

O falante é requisitado também para demonstrar a força do tempo como causa principal da diversidade geográfica; é o que faz Saussure quando explica e demonstra as mudanças da forma (*a*) de uma mesma língua através da suposição formular do transporte dessa dada língua de um ponto a outro em um território delimitado, formando, portanto, três possibilidades de diferenciação para *a* em dois estados de língua ($a \text{ lar } L \rightarrow \frac{b}{a}, \frac{a}{c}; a \text{ lar } L' \rightarrow \frac{a}{c}, \frac{b}{c}$). Ao projetar as possíveis causas de diferenças em sua simulação, argumenta que, diferentemente do que possa parecer em uma primeira análise, o tempo é o fator preponderante em relação ao espaço.

Por si só, o espaço não pode exercer nenhuma ação sobre a língua. No dia seguinte ao do seu desembarque em *L'*, *os colonos* saídos de *L* falavam exatamente a mesma língua da véspera. Esquece-se o fator tempo, porque é menos concreto que o espaço; na realidade, porém, é dele que releva a diferenciação linguística. A diversidade geográfica deve traduzir-se em diversidade temporal (Saussure, 1995, p. 229; itálico nosso).

Há, nesse excerto, dois traços a se sublinhar: o primeiro deles é a solicitação do falante inclusive quando se trata da criação de “condições teóricas” ou hipotéticas de mudanças em uma mesma língua, tal é a impossibilidade de disjunção, no nível empírico, entre língua e falante; o segundo concerne ao movimento constante de recorrer à empiria (ainda que em termos abstratos) para erigir sua teoria. Neste caso, Saussure parte de sua demonstração das mudanças possíveis da mesma forma (*a*) em dois estados de língua com dois territórios delimitados (*L* e *L'*) para esboçar sua proposição “a diversidade geográfica deve traduzir-se em diversidade temporal” (Saussure, 1995, p. 229), que será o fundamento para o seguinte princípio: “a *própria mudança*, abstração feita de sua direção especial e de suas manifestações particulares, numa palavra, a instabilidade da

⁸ Língua comum, suprarregional, helênica.

língua, depende somente do tempo”, ou seja, “trata-se de um princípio de que o comparatista se deve imbuir se não quiser ser vítima de lamentáveis ilusões” (Saussure, 1995, p. 230; itálico do autor).

Escrutinados os capítulos da quarta parte do *CLG*, é oportuno reiterar o seguinte: o fato de que nos debruçemos mais detidamente para tratar da diversidade das línguas na parte dedicada à linguística geográfica — já que seu comparecimento é mais evidente — não deve ensejar a falsa percepção de que sua reflexão esteja confinada a ela; antes o contrário. Uma vez que as pesquisas de Saussure sobre as línguas compõem, de certo modo, o substrato de suas proposições linguísticas, não seria desmedido afirmar que o papel e a importância das línguas na produção de Saussure ao longo de toda sua obra são constantes e fundamentais. A linguística de Saussure é uma linguística geral na medida em que “se desloca da generalização empírica dos resultados acumulados para a generalidade teórica dos princípios” (Flores, 2022, p. 74). Com diferentes funções, a imprescindibilidade das línguas se verifica desde a introdução do *CLG*, ao estabelecer os fundamentos e os princípios da linguística geral (matéria, tarefa, objeto etc.), e o acompanha incessantemente como uma constatação da manifestação empírica de sua ciência.

Sua linguística tem como matéria “todas as manifestações da linguagem humana, quer se trate de povos selvagens ou de nações civilizadas, [...] considerando-se em cada período não só a linguagem correta e a ‘bela linguagem’, mas todas as formas de expressão” (Saussure, 1995, p. 13) e como uma de suas tarefas a de “fazer a descrição e a história de todas as línguas que puder abranger” (Saussure, 1995, p. 13). Ainda que o objeto teórico da linguística seja a língua — entendida aqui como “o produto social depositado no cérebro de cada um” (Saussure, 1995, p. 33) —, o que o linguista tem à disposição “são as línguas. O linguista está obrigado a conhecer o maior número possível delas para tirar, por observação e comparação, o que nelas exista de universal” (Saussure, 1995, p. 33). Observe-se que é somente a partir do trato de toda e qualquer manifestação da linguagem humana que se puder abranger que se torna possível assumir a língua como objeto formalizável da linguística. Trata-se, portanto, de uma formalização (teoria) que não pode prescindir da observação (empíria). Há, inclusive, momentos em que a fronteira entre o teórico e o empírico se tornam mais difusas, como quando Saussure declara, ao tratar do princípio geral da imutabilidade e da mutabilidade do signo, que “o único objeto

real da Linguística é a vida normal e regular de um idioma já constituído” (Saussure, 1995, p. 86). Ora, se inicialmente o objeto da linguística é a língua como produto social da massa falante, vemos, aqui, uma espécie de acercamento entre o objeto formalizado e os dados concretos, visto que “a vida normal e regular de um idioma já constituído” pode ser interpretada como sinônimo de língua particular.

De fato, há, em Saussure, uma relação de mão dupla entre as línguas e a língua: as questões sobre as quais se questiona em torno da língua tocam, ao mesmo tempo, em questões teóricas e metodológicas, considerando que são relativas às próprias condições da análise das línguas e decorrem de e/ou encaminham a demonstrações. Do ponto de vista metodológico, as línguas, sempre particulares (empíricas), são o tangível da língua (generalização/teorização das línguas); não há possibilidade de se fazer linguística que não seja com as línguas. Essa realização só acontece porque temos, como humanos, a faculdade (capacidade) da linguagem, de ser falantes (Barboza, 2023). Do ponto de vista teórico, é o estudo, a observação, a comparação e a descrição das línguas específicas que viabiliza ao linguista a possibilidade de se encaminhar a generalizações sobre elas e apontar princípios universais sobre a língua.

2 Benveniste, um linguista das línguas

Émile Benveniste é reconhecido no campo como “um linguista das *línguas*” — epíteto que lhe é conferido por ninguém menos do que Roland Barthes (2012, p. 211; itálico do autor) e repetido por diversos outros estudiosos, que também apontam para o fato de que Benveniste utiliza muitas línguas nas suas análises, como faz Flores (2013, p. 73):

Poder-se-ia dizer, sem medo de faltar com a verdade, que Benveniste é um linguista das línguas — já que era conhecedor de muitas e a elas recorre para validar seu ponto de vista teórico —, mas também o é da língua e da linguagem. Há textos de Benveniste nos quais são citadas mais de 15 línguas.

Nesse sentido, tanto Georges Redard (2014) quanto Tzvetan Todorov (2014) fornecem listas de línguas e de famílias linguísticas que consideram relevantes para Benveniste, incluindo alemão, armênio, báltico, céltico, eslavo, espanhol, francês,

germânico, grego, hitita, indiano, inglês, italiano, iraniano, latim, sânscrito, sogdiano e tochariano. Do ponto de vista pessoal, tem-se conhecimento de que o linguista cresceu em um ambiente multilíngue — em sua infância, havia “uma multiplicidade de línguas à sua volta: o russo, o turco, o árabe, o hebraico ensinado pela mãe, e... o francês⁹” (Fenoglio, 2016, p. 337) — e que “aos dezesseis anos, Émile Benveniste já [havia estabelecido] a lista de línguas que deve aprender (uma dúzia!) e na idade em que normalmente se tem muita dificuldade com a versão em latim, é apaixonado por gramática comparada” (Redard, 2014, p. 206).

No entanto, da mesma forma como ocorre com Saussure, a atribuição do epíteto “linguista das línguas” e a constatação de que Benveniste conhece e utiliza muitas línguas não são suficientes para estabelecer a função que as línguas, em sua diversidade, desempenham nas teorizações do linguista. Assim, também é necessário observar como Benveniste utiliza as línguas para refletir sobre a língua e a linguagem.

Ao considerar o uso das línguas por Benveniste, uma primeira observação a fazer é que, devido à natureza e à diversidade do material por ele publicado — composto, segundo Moïnfar (1992, p. 22), de “18 livros, 300 artigos e um número semelhante de resenhas recheadas de reflexão e frequentemente tão ricas quanto seus artigos¹⁰” —, não se encontra, em sua obra, um momento unitário que se dedique a pensar exclusivamente a diversidade das línguas ou a analisar dados linguísticos; nota-se, pelo contrário, a difusão dos conhecimentos sobre e oriundos das línguas na sua produção teórica.

Por um lado, há, naturalmente, por questões temáticas, uma grande quantidade de línguas citadas em suas obras dedicadas à gramática comparada, como *Noms d'agent et noms d'action en indo-européen* [Nomes de agente e nomes de ação em indo-europeu], *Origines de la formation des noms en indo-européen* [Origens da formação de nomes em indo-europeu] e *O vocabulário das instituições indo-europeias*, bem como em artigos que se ocupam do exame de estruturas linguísticas, como aqueles das terceira e quarta parte dos *Problemas de linguística geral*, intituladas Estruturas e análises e Funções sintáticas. Por outro lado, no entanto, também se percebe que as línguas se espalham irrestritamente pela obra do linguista. Um inventário recente, que tomou como *corpus* 11 livros de

⁹ No original: “une multiplicité de langues autour d'eux : le russe, le turc, l'arabe, l'hébreu enseigné par la mère, et... le français”.

¹⁰ No original: “dix-huit livres, près de trois cents articles, et autant de comptes rendus pleins de réflexion et souvent aussi riches que ses articles”.

Benveniste¹¹, listou 470 línguas diferentes mencionadas, sendo que elas só não estão presentes na Introdução da Terceira parte de *Noms d'agent et noms d'action en indo-européen* e nos artigos Comunicação animal e linguagem humana (reproduzido nos *Problemas de linguística geral I*) e Les Indo-Européens et le peuplement de l'Europe (Os indo-europeus e o povoamento da Europa) (publicado em *Langues, cultures, religions*) (Hoff, 2023).

Além dessa presença massiva das línguas nos textos de Benveniste, verifica-se que também são frequentes reflexões sobre a importância das línguas para a linguística. Já no “Prefácio” do primeiro volume de *Problemas de linguística geral*, Benveniste pondera sobre as dificuldades inerentes à linguística, afirmando que é necessário ter em conta

que a linguagem é, de fato, um objeto difícil e que a análise do dado linguístico se faz por árduos caminhos. Como as outras ciências, a linguística progride na razão direta da *complexidade* que reconhece nas coisas; as etapas do seu desenvolvimento são as dessa tomada de consciência. Além disso, será necessário compenetrar-se desta verdade: a reflexão sobre a linguagem só produz frutos quando se apoia, primeiro, sobre as línguas reais. O estudo desses organismos empíricos, históricos, que são as línguas permanece o único acesso possível à compreensão dos mecanismos gerais e do funcionamento da linguagem (Benveniste, 1995, n. p.; itálico do autor).

Preocupação semelhante é registrada em “Vista d'olhos sobre o desenvolvimento da linguística”, quando Benveniste (1995, p. 20) defende que há dois objetos para a linguística: “é a ciência da linguagem e a ciência das línguas”. É necessário, segundo o autor, fazer uma distinção entre os dois, já que “a linguagem, faculdade humana, característica universal e imutável do homem, não é a mesma coisa que as línguas, sempre particulares e variáveis, nas quais se realiza”, ou seja, “os problemas infinitamente diversos das línguas têm em comum o fato de que, a um certo grau de generalidade, põem sempre em questão a linguagem” (Benveniste, 1995, p. 20). Por terem a função de meio de acesso à linguagem, as línguas devem ter prioridade no fazer do linguista: “É das

¹¹ São eles: *Origines de la formation des noms en indo-européen* (1935), *Textes sogdiens* (1940), *Vessantara Jātaka* (1946), *Noms d'agent et noms d'action en indo-européen* (1948), *Études sur la langue ossète* (1959), *Hittite et indo-européen* (1962), *Problèmes de linguistique générale, 1* (1966), *Titres et noms propres en iranien ancien* (1966), *Le vocabulaire des institutions indo-européennes, 1 e 2* (1969), *Problèmes de linguistique générale, 2* (1974) e *Langues, cultures, religions* (2015).

línguas que se ocupa o linguista e a linguística é em primeiro lugar a teoria das línguas” (Benveniste, 1995, p. 20).

Em outra reflexão de cunho epistemológico, em entrevista a Guy Dumur, ao considerar a relação entre a linguística e a gramática e a filologia, Benveniste afirma:

Tudo o que diz respeito à linguagem é objeto da linguística. Algumas das disciplinas das quais o senhor fala, a filologia em particular, só se ocupa do teor dos textos, de sua transmissão através dos tempos, etc. A linguística se ocupa do fenômeno que constitui a linguagem e, naturalmente, sem negligenciar a parte da linguagem que se transforma em escrita. As preocupações dos filólogos não são as do linguista, ainda que deem a este uma ajuda indispensável, em particular quando se trata de interpretar textos de línguas desaparecidas, porque *o linguista tem necessidade de conhecer o maior número possível de línguas para definir a linguagem*. Esta é uma das direções nas quais se engaja a linguística (Benveniste, 2006, p. 29-30; itálico nosso).

É possível tomar o sintagma “o maior número possível de línguas” de maneira literal por pelo menos dois motivos: o primeiro está ligado à quantidade de línguas inventariadas em 11 de seus livros; o segundo diz respeito a uma premissa que subjaz à reflexão de Benveniste (1995, p. 22) sobre as línguas: o fato de que “a linguística [...] dispensa igual interesse a todos os tipos de línguas, escritas ou não escritas, e a esse interesse precisa adaptar os seus métodos”, já que objetiva, por meio disso, “saber em que consiste e como funciona uma língua”. Em outros termos, “convém dar grande importância a essa experiência, cada vez maior, das variedades linguísticas do mundo”, dado que “todos os tipos de línguas adquirem direitos iguais de representar a linguagem” (Benveniste, 1995, p. 6).

Assim, ao pensar sobre o papel das línguas na reflexão de Benveniste, é importante entender que se deve considerá-las em sua diversidade, visto que há indicações da legitimidade e do interesse de contemplar um grande número de línguas diferentes, expandindo os limites do domínio da linguística. Isso ocorre porque, para Benveniste, as línguas se relacionam à propriedade de simbolizar: “cada língua, cada cultura emprega um aparato específico de símbolos pelo qual cada sociedade se identifica. A diversidade das línguas, a diversidade das culturas, as suas mudanças mostram a natureza convencional do simbolismo que as articula” (Benveniste, 2006, p. 30). Assim, cada

língua articula simbolismos singulares — por isso, somente a análise da maior diversidade possível de línguas torna possível compreender a linguagem.

Nesse sentido, é importante notar que Benveniste frequentemente enfatiza a singularidade dos sistemas linguísticos particulares, observando que é necessário tomar as línguas por si mesmas, sem atribuir às suas características valores universais. No artigo A frase nominal, ele explica que a concepção que opõe as noções de verbo e nome e as associa, respectivamente, a um processo e a um objeto é “inaceitável para um linguista”, pois “uma oposição entre ‘processo’ e ‘objeto’ não pode ter em linguística nem validade universal, nem critério constante, nem mesmo sentido claro”, já que essas noções “não reproduzem os caracteres objetivos da realidade mas resultam de uma expressão já linguística da realidade, e essa expressão só pode ser particular. [...] são categorias formadas em certas línguas e que foram projetadas sobre a natureza” (Benveniste, 1995, p. 164). Raciocinar nesses termos, segundo Benveniste (1995, p. 164), implica raciocinar “a partir das classificações da sua língua nativa”, transformando essas classificações “em dados universais” — o que vai de encontro à recomendação de conhecer e ter em vista o maior número de línguas.

A particularidade das línguas é destacada em vários momentos e é especialmente evidenciada em “Observações sobre a função da linguagem na descoberta freudiana”:

cada língua é específica e configura o mundo à sua própria maneira. As distinções que cada língua manifesta devem ser relacionadas com a lógica particular que as sustenta e não submetidas de imediato a uma avaliação universal. A esse respeito, as línguas antigas ou arcaicas não são nem mais nem menos singulares do que as que falamos; têm somente a singularidade que atribuímos aos objetos pouco familiares. As suas categorias, orientadas diferentemente das nossas, têm apesar disso a sua coerência (Benveniste, 1995, p. 88-89).

Assim, fica evidente que é necessário, sempre, que o linguista busque entender a língua em sua lógica particular, tomando a língua estudada por si mesma, sem aplicar modelos de outros sistemas ou padrões considerados universais na análise. Somente após isso, torna-se possível estabelecer paralelos com outras línguas. Esse método é delineado em vários momentos por Benveniste e aparece com especial clareza em “A frase relativa, problema de sintaxe geral”. Benveniste principia o texto afirmando que busca “um método de comparação apoiado em um certo modelo de frase estudado em línguas de

famílias diferentes” — trata-se da frase relativa, composta normalmente de uma frase subordinada dependente de um termo antecedente (Benveniste, 1995, p. 228). No entanto, a tarefa não consiste em “comparar entre elas as expressões formais de semelhantes frases através de línguas variadas, o que seria destituído de sentido”, já que “a diferença entre os tipos linguísticos manifesta-se justamente na organização diferente das partes da frase e na relação sempre diferente entre a função sintática e os elementos formais que a exprimem”, o que significa que “uma comparação dessas cairia por terra” (Benveniste, 1995, p. 228). Observa-se, assim, já de início, a ênfase dada à necessidade de considerar a organização própria de cada língua, que é enfatizada na continuação: “O método é totalmente outro”, segundo Benveniste (1995, p. 228), e deve considerar as diversas línguas “separadamente, cada uma por si mesma e no seu funcionamento próprio”, o que revela “uma estrutura formal organizada por uma função, que nem sempre é visível” e que deve ser desvendada. Isso pode ser feito por meio da constatação de que “a frase relativa tem, no sistema linguístico que se considera, as mesmas marcas formais que outro sintagma, de denominação totalmente diferente, e que não se pensaria pudesse ser-lhe aparentado” (Benveniste, 1995, p. 228). Essa analogia formal torna possível interpretar a função da frase relativa. Assim, a análise tem um objetivo bem estabelecido: “É uma mesma relação *interna* que nos propomos focalizar em primeiro lugar” (Benveniste, 1995, p. 229; itálico do autor).

A aplicação desse método faz surgir a possibilidade de expandir a análise: “Se chegarmos a mostrar, além do mais, que essa mesma relação existe idêntica no interior de línguas de tipos diferentes, ficará estabelecida a possibilidade de um modelo de comparação sintática entre línguas heterogêneas” (Benveniste, 1995, p. 229). Fica evidente, portanto, que, ao mesmo tempo em que a linguística implica um estudo das línguas por si mesmas, buscando compreender as estruturas, ela não deve ignorar a possibilidade de estabelecer correspondências e distinções entre sistemas, determinando, por meio disso, as funções que os elementos desempenham, formulando teorizações sobre a língua e a linguagem.

É interessante observar que o método descrito, utilizado para análise de uma determinada estrutura sintática, não difere do caminho percorrido por Benveniste em suas obras de gramática comparada do indo-europeu, o que fica especialmente claro ao

considerar as duas publicações oriundas de sua tese de doutorado. Em ambas, observa-se uma preocupação em desvendar o que subjaz aos elementos sob análise.

Nesse sentido, é interessante notar que, no prefácio da primeira obra, publicada originalmente em 1935 e intitulada *Origines de la formation des noms en indo-européen* (Origens da formação de nomes em indo-europeu), Benveniste (1973, p. 2) declara que, para refletir sobre a formação dos nomes e da raiz indo-europeia, buscará “sobretudo definir as estruturas, as alternâncias, o aparelho formal”, optando por considerar “as funções dos elementos em jogo e as tendências que os governam¹²” mais tarde. No entanto, ele principia o primeiro capítulo, que aborda a alternância entre r/n na flexão indo-europeia, notando que, apesar da existência dessa forma ser bem atestada, há uma lacuna nas pesquisas: “Nós a descrevemos, apontamos seus vestígios aqui e ali: não a explicamos¹³” (Benveniste, 1973, p. 4), sendo que

explicar significa reconhecer tanto a função distintiva de cada um dos elementos em presença, as razões pelas quais esses elementos se agrupam ou se opõem e as vias pelas quais a alternância se estabelece. Nessa definição se inscreve um método. Se tantas tentativas falharam, é porque o problema foi instalado em um quadro fictício. Quisemos apreciar as sobrevivências segundo tipos regulares, isto é, *submeter os arcaísmos à norma dos períodos posteriores*. Pelo contrário, é necessário, rejeitando os esquemas consagrados, *primeiro descrever tão ampla e completamente quanto possível um estado de coisas que será uma questão de compreender por si mesmo; caracterizar cada morfema nas várias funções em que pode ser reconhecido e em relação ao sistema em que ele se faz presente*; então, só então, considerar em detalhes as modalidades da alternância¹⁴ (Benveniste, 1973, p. 4; *itálicos nossos*).

¹² No original: “Nous avons visé avant tout à définir des structures, des alternances, l’appareil formel. Il importerait d’envisager plus tard les fonctions des éléments en jeu et les tendances qui les gouvernent”.

¹³ No original: “On la décrit, on en signale çà et là les vestiges: on ne l’explique pas”.

¹⁴ No original: “En pareille matière, expliquer signifie reconnaître à la fois la fonction distinctive de chacun des éléments en présence, les raisons pour lesquelles ces éléments se groupent ou s’opposent et les voies par où l’alternance s’établit. Dans cette définition est inscrite une méthode. Si tant d’essais ont échoué, c’est parce qu’on a installé le problème dans un cadre factice. On a voulu apprécier des survivances en fonction des types réguliers, c’est-à-dire soumettre des archaïsmes à la norme des époques postérieures. Il faut au contraire, rejetant les schèmes consacrés, décrire d’abord aussi largement et complètement que possible un état de choses qu’il s’agira de comprendre pour lui-même; caractériser chaque morphème dans les diverses fonctions où il peut se reconnaître et par rapport au système où il joue; puis, alors seulement, considérer en détail les modalités de l’alternance”.

Assim, Benveniste enfatiza que é somente ao considerar as formas individualmente, dentro de seus respectivos sistemas, que se torna possível explicá-las. Trata-se de entender, primeiramente, o funcionamento próprio dos elementos.

Somente após isso, torna-se possível ir além, definindo as funções. E isso ocorre, segundo o próprio Benveniste, muito tardiamente. Em função de complicações devido à Segunda Guerra Mundial, o segundo volume originado do trabalho de doutoramento só é publicado em 1948, com um título — *Noms d'agent et noms d'action en indo-européen* [Nomes de agente e nomes de ação em indo-europeu] — que já denota a mudança de posicionamento: Benveniste (1948, p. 5) afirma, no início do prefácio, que “não se trata mais, dessa vez, de restituir as formas, mas de interpretar as funções¹⁵”, o que é feito por meio da análise de inúmeros dados de línguas, comparando formas e estruturas e buscando estabelecer correspondências e destacar diferenças: na obra, são estudadas “algumas formações bem representadas e já descritas diversas vezes”, além de classes de derivadas que delas dependem, consideradas separadamente, sendo que ao examinar, “sucessivamente, essas grandes categorias na sua função, tenta-se detectar o sistema de oposições pelo qual elas são válidas¹⁶” (Benveniste, 1948, p. 5).

Além dessa mudança e ampliação metodológica, também chama a atenção a expansão linguística da obra. Apesar do título declarar abertamente a filiação ao ramo indo-europeu, Benveniste convoca outras famílias de línguas para a análise em *Noms d'agent et noms d'action en indo-européen*. No capítulo 11, ele afirma que, para estabelecer a função dos ordinais, deve-se considerá-los “como uma categoria específica da numeração”, cujo “sentido em indo-europeu será esclarecido pela análise de formações paralelas de outras famílias linguísticas¹⁷” (Benveniste, 1948, p. 144). Benveniste (1948, p. 144) considera esse caminho “tortuoso”, porém é “o único que leva a uma definição satisfatória da função dos ordinais indo-europeus, porque permite discernir fatos de

¹⁵ No original: “il ne s'agit plus cette fois de restituer des formes, mais d'interpréter des fonctions”.

¹⁶ No original: “nous avons étudié quelques formations bien représentées et déjà plusieurs fois décrites: [...]. Examinant successivement ces grandes catégories dans leur fonction, nous essayons de déceler le système d'oppositions par lequel elles valent”.

¹⁷ No original: “Il y a intérêt, pour l'interpréter, à considérer les ordinaux comme une catégorie spécifique de la numération. Et, de cette catégorie, le sens en indo-européen s'éclairera par l'analyse des formations parallèles d'autres familles de langues”.

emprego que, de outra forma, escapariam à atenção¹⁸”. Assim, os exemplos de línguas como egípcio antigo, tibetano, yukaghir, tagalogue e kalispel permitem “ver se as concordâncias assinaladas vão de encontro ou se limitam a alguns empregos de uma língua particular ou, pelo contrário, se manifestam uma expressão constante e que temos o direito de referir ao estado indo-europeu comum¹⁹” (Benveniste, 1948, p. 155).

Assim, para Benveniste (1948, p. 155), “somente uma verificação ampla poderá legitimar uma conclusão geral²⁰”. Tal afirmação indica a relevância da diversidade das línguas na análise benvenistiana. A investigação ampla das línguas leva à generalização. Assim, as línguas, na teoria benvenistiana, desempenham um papel essencial: elas são um instrumento para a formulação de teorizações, ou, em outros termos, funcionam como um operador na reflexão, se tomarmos o termo “operador” conforme a definição de Dany-Robert Dufour (2000, p. 34), que o entende como “o dispositivo que contém um processo de decisão” em um dado modo de pensamento. O operador se associa ao advérbio “então”, em uma fórmula “se x, então y”: “*Então*, tal decisão será tomada” (Dufour, 2000, p. 34; itálico do autor). Dessa perspectiva, é possível entender que, para Benveniste, as línguas analisadas operam para chegar a decisões, já que é possível aplicar a fórmula “se a língua x tem essa estrutura/funciona dessa maneira/significa desse modo, então...”, o que possibilita a formulação de teorizações sobre as próprias línguas, a língua e a linguagem.

Embora isso ocorra, como mencionado anteriormente, ao longo da obra do autor, é possível destacar, a título de exemplo, um texto em particular: “A linguagem e a experiência humana”. Uma das questões que Benveniste se propõe a abordar nele é o tempo, que é considerado pelo linguista como a forma linguística reveladora da experiência subjetiva mais rica e mais difícil de explorar. Entre os questionamentos de Benveniste está a capacidade de expressão do tempo das línguas:

Uma confusão muito difundida é a de crer que certas línguas ignoram o tempo, pelo fato de que, não fazendo parte da família das línguas

¹⁸ No original: “Cette voie détournée est en fait la seule qui conduise à une définition satisfaisante de la fonction des ordinaux indo-européens, parce qu’elle fait discerner des faits d’emploi qui autrement échappent à l’attention”.

¹⁹ No original: “voir si les concordances signalées sont de rencontre, ou limitées à quelques emplois d’une langue particulière, ou au contraire si elles manifestent une expression constante et qu’on ait le droit de reporter à l’état indo-européen commun”.

²⁰ No original: “Seule une vérification étendue pourra légitimer une conclusion générale”.

flexionais, elas parecem não ter verbo. Subentende-se que somente o verbo permite exprimir o tempo. Há nisto muita confusão que se deve denunciar: a categoria do verbo pode ser reconhecida mesmo nas línguas não flexionais, e a expressão do tempo é compatível com todos os tipos de estruturas linguísticas. A organização paradigmática própria às formas temporais de certas línguas, notadamente das línguas indo-europeias, não tem o direito nem o privilégio exclusivo de exprimir o tempo (Benveniste, 2006, p. 70; *itálico nosso*).

Além disso, há outra confusão relacionada às línguas. Ela “consiste em pensar que o sistema temporal de uma língua reproduz a natureza do tempo ‘objetivo’, tão forte é a propensão a ver na língua o decalque da realidade” — na verdade, segundo Benveniste (2006, p. 70), “as línguas não nos oferecem de fato senão construções diversas do real, e é talvez justamente no modo pelo qual elas elaboram um sistema temporal complexo que elas são mais divergentes”. Por isso, deve-se questionar “a que nível de expressão linguística podemos encontrar a noção de tempo que informa necessariamente todas as línguas e, em seguida, como se caracteriza esta noção” (Benveniste, 2006, p. 70).

Benveniste entende que há várias concepções possíveis da noção de tempo, inclusive o tempo linguístico, caracterizado pelo “fato de estar organicamente ligado ao exercício da fala, o fato de se definir e de se organizar como função do discurso”, o que implica que só há, na linguagem, “uma única expressão temporal, o presente”, que determina as referências temporais do passado e do futuro (Benveniste, 2006, p. 74-76).

A partir dessa observação, o linguista se volta para a análise do modo como diferentes línguas organizam as formas verbais do passado e do futuro. Para Benveniste (2006, p. 76), é importante observar que, por um lado, “nas línguas dos mais variados tipos, nunca falta a forma do passado, e que muito frequentemente ela é dupla ou mesmo tripla”, e, por outro lado, “muitas línguas não têm forma específica de futuro. Serve-se [*sic*] frequentemente do presente com algum advérbio ou partícula que indica um momento futuro”. Esse ponto de vista é sustentado por exemplos de línguas, como o chinook, que tem “três formas de passado, que se distinguem por seus prefixos: *ni-* indica o passado indefinido; *ga-*, o passado mais remoto dos mitos; *na-*, o passado bem recente, ontem”, o que significa que “‘foi’ será dito segundo a circunstância *niyuya* (*ni* prefixo + *y* ‘ele’ + *uya* ‘ir’) ou *gayuya* (prefixo *ga* + *y* + *uya*) ou *nayuya* (*na* + *y* + *uya*)”, e somente uma forma de futuro, “caracterizada por um morfema redundante *a* que é, ao mesmo tempo, prefixado e sufixado, diferentemente dos prefixos do pretérito. Assim se diz

ačimluda, ‘ele dá-lo-á a ti’, decomponível em *a*- futuro + *č* ‘ele’ + *i* ‘lo’ + *m* ‘ti’ + *l* ‘á’ + *ud* ‘dar’ + *a* futuro” (Benveniste, 2006, p. 76-77; itálicos do autor). De acordo com Benveniste (2006, p. 77), “este contraste entre as formas do passado e as do futuro é instrutivo por sua própria generalidade no mundo das línguas” e revela a dissimetria da experiência da temporalidade retrospectiva, que se refere a múltiplas distâncias passadas, e a temporalidade prospectiva, que é somente uma previsão de experiência. Assim, nota-se que Benveniste utiliza dados de línguas, fazendo correlações entre eles, o que lhe permite determinar propriedades gerais das línguas — nesse caso específico, relacionadas aos diferentes modos de organização da experiência do tempo.

É importante notar um outro aspecto evidenciado pelo linguista em “A linguagem e a experiência humana”. Além de apontar para generalizações observadas em múltiplas línguas, Benveniste também afirma, ao longo do texto, que há propriedades que são observadas em todas as línguas, e são, portanto, universais:

Chega-se assim a esta constatação — surpreendente à primeira vista, mas profundamente de acordo com a *natureza real da linguagem* — de que o único tempo inerente à língua é o presente axial do discurso, e que este presente é implícito. Ele determina duas outras referências temporais; estas são necessariamente explicitadas em um significante e em retorno fazem aparecer o presente como uma linha de separação entre o que não é mais presente e o que vai sê-lo. Estas duas referências não se relacionam ao tempo, mas as [*sic*] visões sobre o tempo, projetadas para trás e para frente a partir do ponto presente. Esta parece ser a experiência fundamental do tempo, de que *todas as línguas dão testemunho a sua maneira*. Ela informa os sistemas temporais concretos e notadamente a organização formal dos diferentes sistemas verbais (Benveniste, 2006, p. 76; itálicos nossos).

Observa-se, portanto, que é por meio da observação das línguas que Benveniste chega a proposições de caráter mais amplo. As análises de dados linguísticos, estabelecendo afinidades e diferenças entre sistemas, permitem a esse linguista refletir sobre a organização das línguas, as propriedades que são comuns a diversas línguas, os diferentes modos de significar e, finalmente, sobre a propriedade humana universal da linguagem. Assim, as línguas são instrumentos para a formulação de teorizações sobre as próprias línguas, a língua e a linguagem. Como o próprio Benveniste (1995, p. 20) afirma, “os problemas infinitamente diversos das línguas têm em comum o fato de que, a um certo grau de generalidade, põem sempre em questão a linguagem”.

3 Saussure, Benveniste e as línguas: encontros e desencontros

Com base no que foi apresentado e discutido nas seções anteriores a respeito de Saussure, Benveniste e a diversidade das línguas, é possível estabelecer aproximações em torno de suas perspectivas. A mais imediata delas diz respeito à formação pessoal e acadêmica de ambos: tanto um quanto o outro estiveram, em algum momento de sua vida, em contextos multilíngues. Além disso, os dois linguistas iniciam seu percurso de pesquisa na tradição comparatista, da qual jamais se afastaram, independentemente dos caminhos que tenham tomado suas proposições teóricas.

Para além das semelhanças ligadas à formação acadêmica, há, também, neles, de uma perspectiva teórico-metodológica, uma recomendação que decorre de suas práticas: conhecer o maior número possível de línguas para fazer linguística. Desse ponto de vista, deriva, nos dois, uma presunção da igualdade das línguas — para Saussure (1995, p. 13), a matéria da linguística são “todas as manifestações da linguagem humana, [...] todas as formas de expressão”; para Benveniste (1995, p. 22), a linguística deve se interessar por “todos os tipos de língua”, pois qualquer língua pode representar a linguagem igualmente. Assim, o que Cláudia Mejía-Quijano (2013, p. 18) proclama a respeito de Saussure vale também para Benveniste: “pela sua natureza não existem línguas perfeitas ou melhores que outras, por nenhuma atividade. E, portanto, a língua de uma comunidade não pode ser levada em conta para estabelecer qualquer hierarquia entre os povos²¹”.

Esse não é somente um postulado metodológico, mas sim uma concretização empírica, ou seja, o fazer dos dois linguistas reflete esse princípio fundamental. Nos dois, observa-se a presença massiva das línguas nas teorizações — os inventários mencionados anteriormente dão indício disso. E, tanto para Saussure quanto para Benveniste, esse comparecimento intenso das línguas não é fortuito: ambos partem das línguas para chegar a teorizações sobre língua e/ou linguagem e, conseqüentemente, não conseguem conceber uma linguística que desconsidere as línguas. Para os dois linguistas, não há formalização possível sobre língua sem a observação da realidade linguística.

²¹ No original: “de par leur nature il n’y a pas de langues parfaites ou meilleures que d’autres, pour aucune activité. Et par conséquent, la langue d’une communauté ne peut pas être prise en compte pour établir une quelconque hiérarchie entre les peuples”.

Essas semelhanças não devem, no entanto, ser entendidas como equivalência plena e/ou proximidade absoluta. Não há somente aproximações entre esses dois linguistas: ainda que seja no detalhe, é possível vislumbrar posturas diferentes entre um e outro em alguns aspectos. A própria natureza de suas teorizações é um deles. Ainda que Saussure sentisse a obrigação ética de “mostrar ao linguista *o que ele faz*”²² — tarefa que seria cumprida “sem entusiasmo nem paixão”²³ (Saussure, 1894 *apud* Benveniste, 1964, p. 95; itálicos do autor) —, seu ímpeto de esclarecer os fundamentos da ciência linguística não se realizou senão pela mão de terceiros: ele não foi o responsável direto pela sua obra mais célebre, o *CLG*, que acabou lhe rendendo o título de pai da linguística moderna, tampouco encontramos um número significativo de publicações do linguista; à exceção de sua tese e de textos esparsos, não há senão notas manuscritas sob autoria de Saussure. Justamente pela natureza do material a que temos acesso, verificamos, na teorização saussuriana, um certo viés didatizante, inclusive em relação à diversidade das línguas, que, como visto na seção 2 deste artigo, recebe um capítulo próprio no *CLG*. Já em Benveniste, que, como atesta Moïnfar (1992), tem ampla produção, direcionada também a diversas áreas de conhecimento além da linguística, essa preocupação pedagógica não é tão presente quanto no suíço, e as reflexões sobre a relevância da diversidade das línguas se espalham por toda a obra e se manifestam menos como proposição de princípios e mais como análises linguísticas de fatos — é o que os dados analisados nos permite entrever.

Um ponto de divergência importante entre os linguistas diz respeito ao foco dado ao falante no escopo dos textos aqui mobilizados. Ao passo que Saussure convoca, como evidenciado anteriormente, a relação que o falante (representando, metonimicamente, uma coletividade) tem com a(s) língua(s) que fala para enunciar caracteres universais a todas as línguas (logo, à língua), na reflexão sobre as línguas de Benveniste considerada aqui, o falante se revela furtivamente, quando o linguista propõe propriedades universais, observadas em todas as línguas, relacionadas ao discurso, ao exercício da fala. Logo, por se tratar do exercício da fala nas línguas, o falante, embora não nomeado, é essencial, já que não há línguas sem falantes.

A postura de ambos se distancia também em outro aspecto: trata-se do encaminhamento dado aos resultados derivados das observações das línguas. Se, para

²² No original: “l’immensité du travail qu’il faudrait pour montrer au linguiste *ce qu’il fait*”.

²³ No original: “sans enthousiasme ni passion”.

Saussure, as análises das línguas têm valor na medida em que encaminham para a possibilidade de proposição do que “nelas exista de universal” (Saussure, 1995, p. 33), em Benveniste, observa-se um posicionamento diverso. O linguista nos alerta, frequentemente, para o equívoco de tomar as particularidades de uma dada língua como comuns a todas as línguas. Para ele, “as distinções que cada língua manifesta devem ser relacionadas com a lógica particular que as sustenta e não submetidas de imediato a uma avaliação universal” (Benveniste, 1995, p. 88-89). Dito de outro modo, Saussure se ancora na diversidade das línguas em direção à proposição de princípios gerais sobre a língua; Benveniste, ainda que considere possível que se teçam proposições gerais resultantes da observação das línguas, mantém a ressalva de que é sempre necessário tomar cada língua como um sistema único e não como norma geral para todas as outras.

Entre aproximações e afastamentos, em todos os pontos apontados nesta seção, fica nítido que há uma certa ligação entre Saussure e Benveniste. Pode-se falar, como propõe Normand (2009, p. 198), em Saussure-Benveniste, como “encontros”, encontros que são presenças, já que ambos “se impuseram e se impõem ainda hoje para quem se interessa por linguagem. Cada um deles, mais do que revelar, levou os outros a pressentir que algo essencial estava em jogo ali, naquilo que continua sem ser consensualmente nomeado: língua, discurso, comunicação...” e “nos despertaram do sono dogmático, levantando questões que, não obstante suas tentativas e todas aquelas posteriores, não estão encerradas”. Talvez a diversidade das línguas seja uma dessas questões não plenamente nomeadas e não inteiramente encerradas, que ainda merecem ser mais exploradas, visto que fica evidente, ao considerar tanto a reflexão saussuriana quanto a benvenistiana, que a linguística só pode chegar a seu objeto, seja ele a língua e/ou a linguagem, pelas línguas, a única materialidade, o único aspecto observável que se oferece a todos os linguistas.

REFERÊNCIAS

ARRIVÉ, Michel. *Em busca de Ferdinand de Saussure*. Tradução de Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

BARBOZA, Gabriela. “Às vezes é útil pedir à evidência que se justifique”: aspectos da relação entre Saussure e Benveniste. *Linguagem & Ensino*, Pelotas, v. 26, n. 2, p. 408-425, maio-ago. 2023. Disponível em:

<https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/rle/article/view/25665>. Acesso em: 15 jan. 2024.

BARTHES, Roland. Por que gosto de Benveniste. In: BARTHES, Roland. *O rumor da língua*. 3. ed. Tradução: Mario Laranjeira. São Paulo: Martins Fontes, 2012. p. 207-213.

BENVENISTE, Émile. Lettres de Ferdinand de Saussure à Antoine Meillet. *Cahiers Ferdinand de Saussure*, Genève, n. 21, p. 91-130, 1964. Disponível em: https://www.cercleferdinanddesaussure.org/CFS/Volume_21_1964.pdf. Acesso em: 25 out. 2022.

BENVENISTE, Émile. *Noms d'agent et noms d'action en indo-européen*. Paris: Adrien-Maisonneuve, 1948.

BENVENISTE, Émile. *Origines de la formation des noms en indo-européen*. 4ème tirage. Paris: Adrien-Maisonneuve, 1973.

BENVENISTE, Émile. *Problemas de linguística geral I*. Tradução: Maria da Glória Novak e Maria Luisa Neri. Campinas: Pontes, 1995.

BENVENISTE, Émile. *Problemas de linguística geral II*. Tradução: Eduardo Guimarães, Marco Antônio Escobar, Rosa Atiê Figueira, Vandarsi Sant'Ana Castro, João Wanderlei Geraldi, Ingedore G. Villaça Koch. 2. ed. Campinas: Pontes, 2006.

DE MAURO, Tullio. Notes. In: SAUSSURE, Ferdinand de. *Cours de linguistique générale*, édition critique préparée par Tullio de Mauro. Trad. par Louis-Jean Calvet. Paris: Editions Payot & Rivages, 2005. p. 405-477.

DUFOUR, Dany-Robert. *Os mistérios da trindade*. Tradução: Dulce Duque Estrada. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2000.

ENDRUWEIT, Magali Lopes; FLORES, Valdir do Nascimento. Da diversidade das línguas à língua: notas de leitura do *Curso de linguística geral*. In: PINHEIRO, Clemilton Lopes; CALIL, Eduardo; LIMA, Maria Hozanete Alves de (Orgs.). *Diálogos: Saussure e os estudos linguísticos contemporâneos*. Natal: EDUFRN, 2015. p. 89-112.

FENOGLIO, Irène. Le pré-nom et ses marges: d'Ézra à Émile. In: FENOGLIO, Irène; COQUET, Jean-Claude; KRISTEVA, Julia; MALAMOUD, Charles; QUIGNARD, Pascal. *Autour d'Émile Benveniste sur l'écriture*. Paris: Éditions du Seuil, 2016. p. 329-376.

FLORES, Valdir do Nascimento. *A linguística geral de Ferdinand de Saussure*. São Paulo: Contexto, 2022.

FLORES, Valdir do Nascimento. *Introdução à teoria enunciativa de Benveniste*. São Paulo: Parábola, 2013.

FLORES, Valdir do Nascimento. O que há para ultrapassar na noção saussuriana de signo? De Saussure a Benveniste. *Gragoatá*, Niterói, v. 22, n. 44, p. 1005-1026, 2017. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/gragoata/article/view/33546>. Acesso em: 15 jan. 2024.

HOFF, Sara Luiza. "Mas guardemos isso: não há língua má": as línguas na teoria da linguagem de Benveniste. 2023. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras, 2023. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/259626>. Acesso em: 15 out. 2023.

MOÏNFAR, Mohammad Djafar. L'oeuvre d'Émile Benveniste. *Linx*, Paris, v. 26, n. 1, p. 15-26, 1992. Disponível em: www.persee.fr/doc/linx_0246-8743_1992_num_26_1_1234. Acesso em: 18 jun. 2019.

NORMAND, Claudine. Saussure-Benveniste. In: NORMAND, Claudine. *Convite à linguística*. Tradução: Cristina de Campos Velho Birck *et al.* São Paulo: Contexto, 2009. p. 197-204.

QUIJANO-MEJÍA, Claudia. Une rare transparence. In: QUIJANO-MEJÍA, Claudia. *Ferdinand de Saussure - une vie en lettres 1866 - 1913*. Nantes: Éditions Nouvelles Cécile Default, 2014. p. 11-22.

REDARD, Georges. Émile Benveniste (1902–1976). In: BENVENISTE, Émile. *Últimas aulas no Collège de France (1968 e 1969)*. Tradução: Daniel Costa da Silva, Heloísa Monteiro Rosário, Patrícia Chittoni Ramos Reuillard, Veronica Galindez-Jorge. São Paulo: Editora Unesp, 2014. p. 199-233.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. 20. ed. Organizado por Charles Bally e Albert Sechehaye, com a colaboração de Albert Riedlinger. Tradução: Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Editora Cultrix, 1995.

SILVEIRA, Eliane Mara. *As marcas do movimento de Saussure na fundação da Linguística*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2007.

TODOROV, Tzvetan. Posfácio – Émile Benveniste, o destino de um erudito. In: BENVENISTE, Émile. *Últimas aulas no Collège de France (1968 e 1969)*. Tradução: Daniel Costa da Silva *et al.* São Paulo: Editora Unesp, 2014. p. 243-262.

Recebido em 29/02/2024

Aprovado em 23/09/2024

Declaração de contribuição das autoras

As autoras Sara Luiza Hoff e Gabriela Barboza contribuíram substancialmente na concepção e projeto, redação e revisão crítica do artigo “As línguas, a língua e os linguistas: o estudo da diversidade das línguas em Saussure e Benveniste”. Dessa forma, são responsáveis por todos os aspectos do trabalho e garantem a exatidão e integridade de qualquer parte do texto.

Declaração de disponibilidade de conteúdo

Os conteúdos subjacentes ao texto da pesquisa estão contidos no manuscrito.

Pareceres

Tendo em vista o compromisso assumido por *Bakhtiniana*. Revista de Estudos do Discurso com a Ciência Aberta, a revista publica somente os pareceres autorizados por todas as partes envolvidas.

Parecer I

O artigo parte da distinção entre língua e línguas para investigar de que maneiras as línguas são consideradas no arcabouço teórico de Ferdinand de Saussure e Émile Benveniste. As autoras propõem uma discussão minuciosa, trazendo, no que concerne ao *CLG*, uma parte que muitas vezes - senão todas - passa despercebida pelos comentadores e estudiosos da linguística. Não obstante, no que diz respeito a Benveniste, uma ampla bibliografia é mobilizada, juntamente com comentários pertinentes de estudiosos da teoria benvenistiana. Nesse sentido, creio que o artigo está adequado para a publicação pela *Bakhtiniana* e traz contribuições valiosas aos estudiosos das teorias de ambos os linguistas. Sugiro, somente, uma breve revisão textual: apesar de muito bem escrito, encontrei alguns problemas de colocação pronominal no texto. APROVADO

Stefania Montes Henriques - Universidade do Estado de Minas Gerais – UEMG, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil; <https://orcid.org/0000-0002-4517-0121>; stefania.henriques@uemg.br

Parecer emitido em 18 de março de 2024.

Parecer II

O artigo propõe uma discussão importante e necessária aos estudos da linguagem, ressaltando que foram observadas as exigências de um artigo científico: adequação do título ao proposto, clareza, correção linguística, explicitando os objetivos e propondo, durante as discussões das ideias de um e outro, a importância e necessidade de se ampliar os estudos sobre a diversidade de línguas. Tais requisitos demonstram, no conjunto, conhecimento consistente, constante de ambas as teorias. Retomando o que a autora afirma, Saussure e Benveniste provocam nos estudiosos da linguagem: o despertar “do sono dogmático, levantando questões que, não obstante suas tentativas e todas aquelas posteriores, não estão encerradas”. APROVADO

Vania Lucia Menezes Torga – Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC, Ilhéus, Bahia, Brasil; <https://orcid.org/0000-0003-3639-1608>; vtorga@uol.com.br

Parecer emitido em 31 de março de 2024.